



PLATAFORMA DE PAZ E SEGURANÇA DE CABO DELGÁDO



<https://multimedia.europarl.europa.eu>

www.cddmoz.org

Quarta - feira, 26 de Junho de 2024 | Ano 3, n.º 51 | Director: Prof. Adriano Nuvunga | Português

EM VÉSPERAS DA CELEBRAÇÃO DOS 49 ANOS DA INDEPENDÊNCIA

Terroristas realizam ataques e criam pânico em quatro distritos de Cabo Delgado e desmentem narrativa de normalização da situação vendida pelo Governo

- Nas incursões da semana passada, os terroristas usaram crianças-soldados, que se presume que façam parte do grupo de mais de 70 crianças raptadas em Chiúre e Metuge na mais significativa vaga de ataques deste ano



● Devido aos ataques, o Governo desistiu da pressão para os funcionários públicos voltarem ao local de trabalho

Os terroristas, que desde 5 de Outubro de 2017 protagonizam ataques na Província de Cabo Delgado, invadiram ao longo da semana passada pelo menos quatro distritos, onde realizaram ataques e geraram pânico e medo entre a população, desmentindo, desta forma, a narrativa da normalização da situação, com o argumento de que os terroristas e extremistas violentos, já não têm bases e perderam muitos dos seus líderes. Trata-se dos distritos de Metuge, Chiúre, Quisanga e Mecúfi. As incursões, que resultaram na destruição de viaturas e fuga de moradores em Mecúfi para locais seguros, tiveram lugar nas vésperas da celebração, ontem, terça-feira, 25 de Junho, dos 49 anos da Independência Nacional, Independência que, para além de meio século de desgoverno, é manchada pelo terrorismo que já provocou a morte de mais de quatro mil pessoas e o deslocamento de mais de um milhão de pessoas, segundo a agência das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR).

“Isso foi em Nahavara, onde algumas viaturas foram alvejadas e queimadas, e depois foram pernoitar na aldeia vizinha de Mancuaia. As duas aldeias ficam próximas do posto administrativo de Mazeze, no distrito de Chiúre, onde os terroristas teriam evitado aproximar-se devido à presença das Forças de Segurança de Moçambique (FDS)”, disse uma fonte ao diário moçambicano “Carta de Moçambique”¹. Nahavara é uma aldeia do distrito de Mecúfi.

Na semana passada, relata a imprensa nacional e estrangeira, os terroristas estiveram nos distritos de Ancuabe, Mocímboa da Praia e Metuge (faz fronteira com Mecúfi), causando medo e pânico entre as populações das regiões de Impiri (Balama), Mbau (Mocímboa da Praia) e Nicavago. Entretanto, não há relatos de danos humanos ou

materiais, pelo menos em Ancuabe e Metuge.

Ainda na semana passada, houve uma tentativa de ataque do posto administrativo de Mbau, o que pode ter culminado com a morte de alguns civis. À “Carta de Moçambique”, o Administrador de Mocímboa da Praia, Sérgio Cipriano, disse que os terroristas mataram a tiro uma criança de 11 anos, na quarta-feira, 19 de Junho, após invadirem um centro de produção agrícola nos arredores do posto administrativo de Mbau.

Recentemente, o Presidente da República (PR), Filipe Nyusi, disse que as bases dos grupos terroristas que operam em Cabo Delgado tinham sido destruídas² e que o grupo se limitava então a andar no mato, fazendo passar a ideia da normalização da situação, uma posição que deve ser entendida dentro dos esforços do Governo de convencer a empresa petroquímica francesa “TotalEnergies” a retomar as operações do projecto de gás de Afungi, esforços esses que incluem a pressão por parte de alguns administradores³ distritais para o regresso dos funcionários públicos que abandonaram os distritos por conta dos ataques.

A “TotalEnergies” abandonou as operações em 2021, alegando “força maior” a seguir ao ataque à Vila de Palma. E condiciona o regresso à normalização da situação da segurança.

Muitos dos funcionários que são obrigados a voltarem deixaram toda uma vida para trás, perderam familiares vítimas dos terroristas, mas agora sofrem pressão para voltarem aos locais de origem, mesmo com a presença dos terroristas.

Durante o seu discurso por ocasião da celebração do dia da Independência, Filipe Nyusi reconheceu a prevalência⁴ de ataques terroristas em Cabo Delgado.

¹ <https://www.cartamz.com/index.php/sociedade/item/16936-terrorismo-em-cabo-delgado-viaturas-queimadas-em-mecufi>

² <https://www.dw.com/pt-002/nyusi-diz-que-autoridades-empurraram-terroristas-para-o-mato/a-69379255>

³ <https://cartamz.com/index.php/sociedade/item/16757-governo-de-muidumbe-pressiona-funcionarios-e-agentes-do-estado-a-regressarem-ao-distrito>

⁴ https://opais.co.mz/pais-celebra-independencia-com-as-atencoes-viradas-no-combate-ao-terrorismo/?fbclid=IwZXh0bgNhZW0CMTAAR2ZadjCjSCWn4cmg_F7rKSYs_Bn446i9LYL5n4gFhy1PduIDnX07v9AvRU_aem_byN5ol_1pFjkYGG0sNXthA

Há dias, a Ministra da Administração Estatal e Função Pública, Ana Comuana, disse que os funcionários públicos voltariam⁵ quando a segurança fosse garantida.

Uso de crianças-soldados nos ataques da semana passada



De fontes no terreno ficamos a saber que durante as incursões da semana passada, mais precisamente no dia 19 de Junho, os terroristas teriam usado crianças-soldados. Aliás, no dia seguinte, através dos seus canais de propaganda, os terroristas exibiram um vídeo onde é possível ver crianças numa mata, algumas empunhando armas.

Acredita-se que algumas das crianças façam parte das setenta crianças sequestradas em Chiúre, um distrito a sul da província, na fronteira com Nampula. No ataque a Metuge há registo de nove crianças raptadas. Os dois casos tiveram lugar durante a mais significativa⁶ vaga de ataques deste ano. Na altura dos sequestros,

dissemos que o plano dos terroristas para com as crianças podia passar por submetê-las a treinos militares durante o período chuvoso, período em que as tropas têm limitações de se deslocarem a certos pontos da província para desalojar os insurgentes. Pode ser uma forma encontrada para o reforço das suas fileiras.

Antes dessas incursões, a Human Rights Watch (HRW) tinha alertado para o uso de crianças-soldados. Por exemplo, no dia 10 de Maio, um grupo terrorista utilizou crianças-soldados de apenas 13 anos para invadir a vila de Macomia. Através de uma nota de 15 Maio, a HRW condenou o uso de crianças que considerou de crime de guerra.

Moçambique está desde 5 de Outubro de 2017

⁵ https://opais.co.mz/terrorismo-em-cabo-delgado-funcionarios-publicos-continuam-fora-dos-postos-de-trabalho/?fbclid=IwZXh0bgNhZW0CMTAAR2U7fetmaBDgAqQqFkT9AIE3_KHGxAaaAdMaZogOSZucZ0pNDW4IOGRtvo_aem_y9ZuO6j53HDxohkq1Uq5hg

⁶ <https://cddmoz.org/wp-content/uploads/2020/07/Retirada-da-SAMIM-pode-agravar-a-ja-fragil-situacao-de-seguranca-em-Cabo-Delgado.pdf>

⁷ <https://www.voaportugues.com/a/h%C3%A1-crian%C3%A7as-soldados-entre-os-insurgentes-que-atacam-macomia-diz-hrw/7613063.html>

numa guerra que já provocou a morte de mais de quatro mil pessoas e o deslocamento de mais de um milhão de pessoas, segundo a Agência das Nações Unidas para os Refugiados.

Para ajudar no combate ao mal, cujas causas estranhamente sete anos depois o Governo ainda não conhece, o PR solicitou depois de muita resistência ajuda dos países da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral e do Ruanda.

A relação com o Ruanda, cuja intervenção está envolvida numa nuvem de poeira, continua a florescer, mas o mesmo não acontece com a força do bloco regional que está de saída de Moçambique, supostamente por falta de dinheiro para a continuação da missão.

Sabe-se, porém, que há desinteligências entre as lideranças do bloco regional pelo facto de Filipe Nyusi dar mais atenção aos militares ruandeses em detrimento dos militares da região.

Outrossim, a tropa regional não estava confortável em combater ao lado da tropa do Ruanda, devido ao sentimento de que estão numa parceria com o inimigo. É que o bloco regional tem militares na República Democrática do Con-

go, onde lutam contra o M23, uma insurgência financiada pelo regime ruandês.

Os ataques da semana passada tiveram lugar uma semana antes da celebração, no dia 25 de Junho, dos 49 anos da Independência Nacional, Independência que, para além de meio século de desgoverno, é manchada pelo terrorismo e extremismo violento.

O Centro para Democracia e Direitos Humanos (CDD) considera que as incursões da semana passada desmentem a narrativa da normalização da situação de segurança. O PR tem vindo a dizer que os terroristas e extremistas violentos já não têm bases e perderam muitos dos seus líderes. Atento ao recuo do Governo na pressão para os funcionários públicos voltarem ao trabalho e às declarações de Filipe Nyusi na celebração do dia da Independência, resulta claro e cristalino que ainda não se pode falar em normalização da situação de segurança em Cabo Delgado. Para o CDD, a narrativa de normalização da situação deve ser entendida dentro dos esforços do Governo de convencer a empresa petroquímica francesa “TotalEnergies” a retomar as operações do projecto de gás de Afungi.





Construindo uma sociedade democrática que promove, protege e respeita os Direitos Humanos.

Building a democratic society that promotes, protects, respect human rights & transform people's lives.

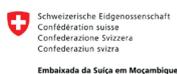
INFORMAÇÃO EDITORIAL:

Propriedade: CDD – Centro para Direitos Humanos
Director: Prof. Adriano Nuvunga
Editor: André Mulungo
Autor: CDD
Layout: CDD

Contacto:
Rua de Dar-Es-Salaam Nº 279, Bairro da Sommerschild, Cidade de Maputo.
Telefone: +258 21 085 797

 CDD_moz
E-mail: info@cddmoz.org
Website: <http://www.cddmoz.org>

PARCEIROS DE FINANCIAMENTO



Embaixada da Suíça em Moçambique

